

PERSEVERAVAM NA DOCTRINA DOS APÓSTOLOS

Adriano, bispo diocesano

As comunidades da Igreja primitiva eram de fato aquilo que chamamos hoje Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Essas com as devidas transformações de comportamento que se fundam numa evolução histórica, cultural de dois mil anos. Na sua estrutura essencial, porém, as comunidades da Igreja dos primeiros tempos e as comunidades de nossos tempos se fundam, conforme o testemunho dos Atos dos Apóstolos (história das primeiras comunidades cristãs), nos mesmos valores da Fé: doutrina dos Apóstolos, comunhão, fração do pão e oração (cf. Atos 2,42).

Podemos compreender muito bem que, para as comunidades da Igreja primitiva, os Apóstolos — tanto os Doze (Matias substituiu a Judas) como alguns outros que receberam a mesma missão, por ex. Paulo — eram as pessoas acreditadas para ensinarem na Igreja o que Jesus ensinou. A Igreja sabia, por várias testemunhas, que Jesus Cristo ensinou a Boa-Nova aos Doze e os mandou à sua frente. Mais: depois da Ressurreição envia-os mundo afora, anunciando o Evangelho do Reino. Para as comunidades cristãs os Apóstolos eram as pessoas de referência, no que toca ao testemunho sobre Jesus e ao ensino da Boa-Nova.

A palavra de Deus era transmitida aos novos discípulos. Paulo nos dá um testemunho dessa fidelidade da tradição apostólica: “Eu recebi do Senhor o que também transmiti a vocês” (refere-se à Eucaristia) (1Cor 11,23). Os Apóstolos não inventam nada de essencial: transmitem o que receberam da boca do Mestre. A Fé que ensinam é uma Fé comunicada por Deus ao seu Povo, através dos patriarcas e profetas e nos “últimos tempos” através do próprio Filho de Deus (cf. Hb 1,1). Os Apóstolos estavam empolgados com a doutrina de Jesus. Escutaram-na. Conservaram-na com respeito. Com respeito a transmitiam à Comunida-

de. A comunidade cristã, por sua vez, não poderia mostrar outra atitude senão respeito e aceitação daquilo que os Apóstolos ensinavam.

Naturalmente, essa palavra era uma palavra de Fé, uma palavra viva que transformava a vida de cada cristão e era transmitida aos novos cristãos.

Imaginemos estarmos sentados com irmãos e irmãs, nós os recém-convertidos diante de Pedro. Com que recolhimento e atenção ouvíamos a narração do chefe dos Apóstolos. Com que alegria aprenderíamos o que ele nos ensinasse. Quantas perguntas faríamos, para entender melhor as lições de Jesus. Sairíamos do nosso curso de introdução, alegres, entusiasmados, dispostos a pôr em prática tudo o que nos dissera nosso catequista.

Não se tratava somente de aprender. O mais importante era viver e praticar o que Jesus ensinava para a glória de Deus. Era da Fé que tiravam argumentos para uma vida comunitária exemplar. Podemos compreender também que, diante de situações concretas, os Apóstolos deveriam dar um passo adiante no sentido de organizar as primeiras comunidades cristãs. O grande organizador que era Paulo, certamente ensinou muitas normas e deu orientações aos seus irmãos mais novos. A comunidade cristã na Igreja primitiva devia assumir e assumir normas próprias particulares de uma comunidade cristã.

Deveria haver também comunidades carismáticas que, pelos seus carismas particulares, eram exemplo para outras comunidades: a organização da comunidade carismática foi oficializada e aceita em outras comunidades.

Num processo lento, irregular, muitas vezes imprevisto, determinados tipos de organização se tornam gerais numa determinada área geográfica, até muito mais tarde se tornarem reconhecidos oficialmente para toda a Igreja. Mas quaisquer que sejam os tipos de organização, todas aceitam como fundamental a perseverança na doutrina dos Apóstolos.

PERSEVERAVAM NA FRAÇÃO DO PÃO

Adriano, bispo diocesano

Para caracterizar as primeiras comunidades cristãs, que hoje procuramos restaurar nas comunidades eclesiais de base com as devidas modificações, os Atos dos Apóstolos mencionam a fidelidade com que tomavam parte na fração do pão. Que significa “fração do pão”?

Nas refeições antigas, como ainda hoje em algumas regiões, o pão não era cortado, mas partido, quebrado com a mão. E distribuído pelo Pai de família entre os seus.

Fiel ao simbolismo da última ceia, quando Jesus Cristo instituiu a Eucaristia, como pão que des-

ceu do céu para a vida do mundo, a Igreja primitiva aplica a expressão “partir o pão”, “fração do pão” à refeição comum que unia os irmãos. “Partir o pão” tem dois sentidos: tomar a refeição em comum como irmãos e irmãs, como família, de tal modo que na refeição se expressem os laços de amor que unem todos os membros da família; e também, num sentido sublimado, celebrar a Eucaristia, celebrar aquilo que hoje chamamos de “missa”, banquete do Corpo e do Sangue do Senhor, banquete da Palavra de Deus, no qual se reúne em torno da mesa a assembléia santa dos filhos e filhas de Deus, como comunidade, como Igreja.

Se os primeiros cristãos perseveravam na fração do pão, isto quer dizer que viviam como irmãos e irmãs, tanto na partilha dos alimentos, dos bens materiais, na participação das necessidades uns dos outros (cf. Atos 4,32: "tudo lhes era comum", e 4,34: "não havia indigentes entre eles"). E quer dizer mais ainda: a comunidade cristã continua fiel à celebração da Ceia do Senhor, conforme Jesus ordenara aos discípulos (cf. Lc 22,19; 1Cor 11,25). A Igreja primitiva conserva ciosamente o que recebeu dos Apóstolos: celebra a Ceia do Senhor e aí se realiza plenamente como comunidade de fé, de esperança e sobretudo de amor.

Se a comunidade eclesial de base quer ser Igreja no sentido pleno, tem de colocar a Eucaristia como sua primeira expressão. Ou como diz o Vaticano II: como ponto culminante de sua atuação. Da comunhão do corpo e do sangue do Senhor, a comunidade tira a sua força de coesão, sua unidade essencial, e também a sua força explosiva de apostolado.

A Eucaristia dá à Igreja sua unidade existencial, quer dizer: na sua realização histórica, aqui e agora, a comunidade eclesial se faz uma, santa através da participação no banquete-sacrifício do cor-

po e do sangue de Jesus. E quanto mais vivida for a participação, tanto mais fortes serão os laços que unem os filhos do mesmo Pai que está nos céus, tanto mais resistentes se farão na luta contra o espírito do mundo; tanto mais dinâmicos se mostrarão no testemunho de que Jesus Cristo é o único salvador da humanidade.

Uma observação constante no Brasil e em outros países: com a falta de padres — os ministros ordenados que celebram/presidem a Eucaristia — nem as poucas paróquias existentes e muito menos as numerosíssimas CEBs podem celebrar a Eucaristia todas as semanas, de preferência aos domingos. Privadas da Eucaristia, as CEBs poderão conservar e crescer na unidade interna, irmãos e irmãs, filhos do mesmo Pai, que se sentem Igreja e agem como Igreja, que perseveram na doutrina dos apóstolos, na comunhão, na fração do pão e na oração? Se a Eucaristia é aquilo que de fato é na vida da Igreja, podemos afirmar que o cristão tem direito à Eucaristia, já porque tem o *dever* de celebrar, aos domingos, a ceia do Senhor.

Temos aqui um desafio que ainda não conseguimos enfrentar. Conseguiremos?

PERSEVERAVAM NAS ORAÇÕES

Adriano, bispo diocesano

Orar, rezar, levantar a mente e o coração para Deus é privilégio da pessoa humana. Deus, o Absoluto, não reza. Se Jesus Cristo reza, como nos conta o Novo Testamento (cf. Mt 14,23; Lc 9,18 etc.), reza por ser homem. Com isto Jesus, nosso irmão mais velho (cf. Rom 8,29), nos dá o exemplo e nos serve de modelo: como Ele devemos abrir nossa inteligência e nosso coração ao Pai, com Ele, sob o influxo do Espírito Santo, rezamos humildemente, pedindo ao Pai tudo aquilo que ultrapassa nossas limitações humanas.

Rezamos a Deus, porque nos sentimos frágeis. Somente os humildes sabem rezar. Os orgulhosos, os auto-suficientes não são capazes de estender a mão a Deus, para pedir alguma coisa. Rezamos ao Pai porque nos sabemos filhos e filhos bem-amados. Aqui nos lembramos da palavra de S. Paulo:

"Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus. Vocês não receberam, com efeito, o espírito de escravidão, para ainda viverem com temor, mas receberam o espírito de filiação adotiva que nos faz clamar: Abba — Pai querido. O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, se com ele padeceremos, para sermos igualmente glorificados com ele" (Rom 8,14-17).

Se o rezar vale para cada um de nós, vale também para a comunidade.

A Igreja primitiva sabia-se unida com Jesus e com todos os seus membros através da oração. Rezando, imitava a Jesus.

Vale a pena recordar algumas orações que Jesus fez, conforme no-lo conservam os livros santos. Foi Jesus mesmo que formulou o "Pai-Nosso", a oração modelo de todas as orações, a oração que

desde crianças aprendemos e repetimos pela vida fora. Sempre que quisermos aprender o conteúdo mais perfeito de oração cristã, temos de voltar ao pai-nosso que é a oração da família dos filhos de Deus, oração da fraternidade, oração da esperança, oração do perdão e da reconciliação, oração orientada para o reino. A meditação sobre o conteúdo do pai-nosso é inesgotável, sempre nos leva a uma profunda revisão de vida, a partir de dados essenciais.

O evangelista S. Mateus nos conserva uma oração admirável de Jesus, na qual aparece claramente a preferência de Jesus e do Pai pelos pequenos e simples: "Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, por teres ocultado estas coisas aos sábios e prudentes e as haveres revelado aos simples. Sim, Pai, tal foi o teu bem-querer" (Mt 11,25-26).

Mateus conserva-nos também a oração angustiada de Jesus no horto das oliveiras: "Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. Não se faça porém como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26,39). Três vezes repete o mesmo pedido doloroso (Mt 26,39.42.44).

A oração perseverante (cf. Lc 18,1) acompanha o desenrolar do dia e acompanha também os momentos importantes da vida da comunidade, como por ex. antes da escolha de Matias que iria substituir Judas (At 1,24-26), antes da instituição dos sete diáconos (At 6,6).

Não podemos assim imaginar uma Comunidade Eclesial de Base — forma antiga e sempre nova de ser Igreja — sem espírito de oração, sem momentos fortes de oração, como Jesus Cristo e com Jesus Cristo, com a Igreja em seus melhores momentos de fidelidade a Jesus Cristo. A CEB deve perseverar na oração, sem cessar, sempre, dia e noite, para usarmos expressões de S. Paulo.

PERSEVERAVAM NA COMUNHÃO

Adriano, bispo diocesano

Comunhão aqui não significa a Eucaristia que os fiéis recebem, mas nos textos do Novo Testamento tem o sentido de: comunidade, sociedade, união com alguma pessoa, participação, partilha, vida comum, vida social etc.

Os cristãos das primeiras comunidades cristãs perseveravam na fidelidade mútua, na participação, na partilha, na vida comum.

Lucas pode assim caracterizar a Igreja dos primeiros tempos:

"Os fiéis viviam todos unidos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e seus bens, repartindo tudo entre os demais, conforme a necessidade de cada um. Em íntima comunhão todos os dias freqüentavam, assiduamente, o templo, partindo o pão em suas casas e tomando as refeições com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da estima do povo. E o Senhor aumentava cada dia o número dos que haveriam de salvar-se" (Atos 2,44-47).

Pouco depois Lucas vai insistir na realização dessa admirável utopia de vida comunitária, irmãos que vivem em intensa comunhão mútua porque vivem na comunhão com Jesus Cristo:

"Ora, a multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma. Ninguém considerava como próprias as coisas que possuía, mas tudo lhes era comum. Com muito vigor os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus e todos gozavam de grande estima. Não havia indigentes entre eles. Todos os que possuíam terras ou casas, vendiam tudo e levavam o produto da venda, que depositavam aos pés dos apóstolos; e fazia-se então a distribuição de acordo com as necessidades de cada um" (Atos 4,32-35).

Comunhão pode ser traduzida também por "espírito comunitário", "cidadania".

Também esta marca das comunidades cristãs da Igreja primitiva pode e deve ser característica da Comunidade Eclesial de Base. Colocar os bens em comum não será sempre possível. Mas contribuir para que as diferenças sociais entre irmãos, filhos do mesmo Pai, salvos pelo mesmo precioso sangue de Jesus Cristo, sejam atenuadas ou mesmo eliminadas, é fora de dúvida que cabe a toda comunidade viva, como quer ser por ex. a Comunidade Eclesial de Base.

A CEB não pode aceitar de coração tranqüilo as escandalosas diferenças que, em nosso país, se observam entre ricos e pobres. O abismo que separa uns dos outros é talvez o maior escândalo da sociedade que se diz cristã e ocidental. A maior bofetada que podemos dar na face de Jesus Cristo.

A partir do conceito de comunhão = participação, partilha, vida comunitária, podemos entender que a CEB tem de ocupar-se e preocupar-se com a dimensão política do Povo brasileiro. A "comunhão" pede isto hoje em dia, de modo especial porque sabemos que a Igreja é a única instituição nacional que assume, como seu, o processo de libertação do nosso Povo.

Formação sociopolítica do Povo não quer dizer que a CEB se identifique com um partido político ou com um determinado candidato. Quer dizer apenas que é impossível a CEB abstrair da Política no seu esforço de evangelização libertadora.

As possíveis tensões de ordem prática entre membros vivos das CEBs ou entre uma comunidade e outra têm de ser resolvidas.

CÚRIA DIOCESANA — AVISOS

Aviso 08/89 — Jubileu episcopal de Dom Waldir

— No próximo dia 1º de maio temos a alegria de celebrar, com a Diocese de Barra do Piraj/Volta Redonda, o jubileu episcopal de Dom Waldir. Os laços de fraternidade e amizade que ligam nossas dioceses e nossos bispos vêm da fundação da Diocese de Nova Iguaçu, que recebeu então de Volta Redonda as áreas dos municípios de Mangaratiba, Itaguaí, Paracambi, Nova Iguaçu e Nilópolis (aos quais se juntou o município de São João de Meriti, desmembrado da Diocese de Petrópolis). Desejamos a Dom Waldir a continuação do seu fecundo episcopado de doação à causa de Jesus Cristo e ao bem do Povo de Deus. Nós o acompanhamos com nossa amizade e nossas orações.

Aviso 09/60 — Mudança no Presbitério

— Para resolver problemas do P. Carlos César dos Santos, sacerdote da Diocese de Nova Friburgo, seu bispo Dom Clemente José Carlos Isnard O.S.B., pediu a Dom Adriano que o aceitasse por três anos. Trabalharia na Pastoral paroquial. Depois de completar-se o triênio (1984-1987), as partes interessadas concordaram em prorrogar a licença por mais um ano. Ao findar esse ano complementar, o Conselho Presbiteral, em sua sessão de 18 de abril corrente, por unanimidade, decidiu não ser oportuno prorrogar mais a licença concedida ao P. Carlos, para trabalhar em nossa diocese, e convidá-lo a voltar à sua diocese de origem, conforme foi combinado com Dom Clemente. O Conselho Presbiteral comunica assim a todas as paróquias que, a partir do mês de maio, o P. Carlos César dos Santos não faz mais parte do presbitério da Diocese de Nova Iguaçu.

Aviso 10/89 — Semana da Unidade

— Da Solenidade da Ascensão (07 de maio) até a Solenidade de Pentecostes (14 de maio) celebra-se no Brasil, conforme determinação da CNBB, de comum acordo com as outras Igrejas Cristãs, a Semana de Orações pela Unidade dos Cristãos. Neste esforço humilde de promover a unidade das Igrejas Cristãs, olhamos para Jesus Cristo que na oração sacerdotal nos apontou o caminho: "Que todos sejam um. Como tu, ó Pai, o és em mim e eu em ti. Eles sejam um de nós, e assim o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que tu me deste, para que sejam um, como nós o somos; eu neles e tu em mim, a fim de que sejam perfeitamente um, e o mundo conheça que tu me enviaste e que os amaste, como tu me amaste" (Jo 17,21-23). Na Cúria Diocesana acha-se, à disposição das paróquias e movimentos, o excelente material com subsídios práticos para a celebração da Semana da Unidade.

Aviso 11/89 — Inauguração do Mosteiro de Santa Clara

— No dia 13 de maio, vigília de Pentecostes e festa de N. Sra. de Fátima, será inaugurado o Mosteiro de Santa Clara, no Bairro de Botafogo (entre o Parque Flora e Santa Rita). O programa é o seguinte:

12 às 16 h em procissão, que sai da Matriz de N. Sra. das Graças, no Parque Flora, as irmãs se mudam da residência provisória para o novo mosteiro. Todas as paróquias são convidadas a mandar representantes.

13 às 09 h solene concelebração dos bispos diocesano com os padres de nossa diocese e os visitantes. Depois da S. Missa (precedida da bênção da Igreja de Santa Clara) será descerrada a lápide comemorativa e feita a bênção do mosteiro. Pelo meio-dia haverá na Casa de Oração um churrasco de confraternização para os nossos operários e suas famílias, para o clero, religiosas e pessoas convidadas. Às 17 h será fechada oficialmente a clausura papal no mosteiro de S. Clara. — A visi-

tação do mosteiro é facultada a pessoas em grupos, de meia em meia hora, na tarde do dia 12, depois da procissão e no dia 13 depois da bênção do mosteiro até às 16 h. — Dom Adriano pede a todos os fiéis que se unam em oração pelas nossas Irmãs Clarissas e que, na medida do possível, mandem representantes das paróquias tanto para a procissão da sexta-feira, dia 12, como para a inauguração no sábado, dia 13. — Catedral de Nova Iguaçu, 27 de abril de 1989.

Encerramento deste número: 25-04-89. Endereço do BD: Cúria Diocesana, Rua Capitão Chaves, 60 (Ou Cx. Postal 77285), 26000 Nova Iguaçu, RJ. Tel.: (021)767-7943.

**CALENDÁRIO PASTORAL
MAIO DE 1989**

- 01 Dia dos Trabalhadores
- 02 r (09h00) mensal da Pastoral, CENFOR
(15h00) CDioc. Vocações, CEPAL
- 04 r (19h00) CDioc. de Catequese, Cat.
- 05 r (14h00) Equipe Dioc. de Clubes de Mães, CEPAL
- 06 r (07h30) CDioc. de Família, CEPAL
(08h00) Equipe Dioc. de Animadores de Crisma, Cat.
(09h00) CDioc. de Justiça e Paz, CENFOR
(15h00) CDioc. de Juventude, CEPAL
(15h00) CDioc. de Círculos Bíblicos, CEPAL
- 07 r (14h30) RPast. 3
- 09 r (09h00) CPresb., CEPAL
(19h30) RPast. 4

- 12 r (19h30) RPast. 1, Cat.
- 13 (09h00) Inauguração do Mosteiro das Clarissas
(12h00) churrasco de confr. para famílias dos operários, COR
- 14 Solenidade de Pentecostes
- 16 r (09h00) mensal do Clero, COR
(20h00) RPast. 2
- 19 r (19h00) RPast. 7
- 20 r (08h00) CDioc. de Lit., CEPAL
(09h00) CDioc. de Justiça e Paz, CENFOR
- 23 r (09h00) Cons. Presbiteral + Cons. Pastoral, CEPAL
(15h00) CDioc. de Ministérios, CEPAL
(19h30) RPast. 6
- 25 Corpus Christi
- 26 r (19h30) RPast. 5
- 28 e (08h00) interdiocesano de CEBs, CENFOR

**CALENDÁRIO SOCIAL
MAIO DE 1989**

- 01 v (1947) Esther de Almeida Neves FC, Viga
- 04 n (1913) Card. Dom Agnelo Rossi, Roma
- 05 o (1972) Gabriel Gheysens CICM, provincial
- 07 n (1934) Francisca Stalder CSCr, S. Rita
n (1928) Davina dos Santos FC, Viga
v (1943) Beatriz Algari FB, IESA
- 09 v (1960) A. Maria Auxiliadora de Carvalho FSA, L
- 12 n (1936) Anita Massa ISJC, Vila de Cava
m (1974) Frederico Vier OFM, Petrópolis
- 13 v (1953) Jeanny De Vrieze ICM, Rosa dos Ventos
(1963) Sabina Mortier ICM, Rosa dos Ventos
- 14 v (1941) Patrocínia Ferreira MJC, Bairro S. João
- 15 v (1966) Rosa Vos, Rosa dos Ventos
- 16 n (1939) Palmira Lobo da Silva MJC, Bairro S. João
- 17 n (1924) Carmélia Pereira de Oliveira FSA, L
- 18 n (1958) Ismelda Lang FB, IESA

- 19 n (1924) Pedro Alexandre Sobrinho pFát-S. Jorge
n (1925) M. Adele Contorno FB, IESA
- 20 n (1902) Ana Maria Tereza Sanchez FSA, L
- 22 n (1937) A. Maria Aparecida F. dos Santos FSA, L
- 23 n (1940) Regina Mortini ISJC, Bom Pastor
(1948) Maria Filomena Lopes FB, IESA
- 25 n (1904) Elfrieda Blum FB, IESA
(1907) Rogéria Teixeira de Carvalho FSA, L
s (1958) Dom Walmor Battú Wichrowski, Porto Alegre
- 26 n (1947) João Demyttenaere CICM, ca
o (1965) Lino dal Moro PSSC, pSMaria
m (1977) César Vegezzi SC, Itaguaí
- 27 n (1965) Geralda da Penha de Jesus NSV, H
- 28 n (1940) Dulce Matta FB, IESA
- 30 n (1932) A. Brígida de Souza Goes FSA, L
n (1933) Paulina Elsener CSCr S. Rita
n (1948) Edmilson da Silva Figueiredo Rom
n (1948) M. Auxiliadora P. Souza CSCr, T
- 31 v (1950) Olga Raposo Bandeira FC, Viga
v (1984) Maria de Lurdes Trabach, FC, Viga